



ESTUDO DO TURISMO NA PRÁTICA DO ESPORTE DE AVENTURA DE VOO LIVRE NO MUNICÍPIO DE PATU (RN)

STUDY OF TOURISM IN THE PRACTICE OF FREE FLIGHT ADVENTURE SPORT IN THE MUNICIPALITY OF PATU (RN)

Edigleuson Da Costa Ribeiro*
Cláudia Regina Tavares do Nascimento**
Marcia Maria Duarte***
José Orlando Costa Nunes****
Edinal Salustiano da Silva*****

Resumo: O turismo de aventura vem se destacando no mercado mundial devido ao seu crescimento nos últimos anos. A variedade de atividades e a qualidade do local para a prática do esporte de aventura torna essa modalidade atraente para os mais variados públicos. Nesse contexto, o objetivo geral da pesquisa é analisar o turismo de aventura a partir da prática do voo livre. Para isso, fez-se uma pesquisa quantitativa tipo exploratória onde foi elaborado dois questionários, sendo um para a empresa gestora da prática e outro aplicado de forma presencial com os pilotos praticantes do voo livre. O resultado desta pesquisa indica que o praticante de voo livre também considerado turista de aventura tem como principais motivações sair da rotina, sentir adrenalina, conhecer lugares e estar em contato com a natureza.

Palavras-chave: Turismo. Turismo de Aventura. Esportes de Aventura. Voo Livre. Patu (RN).

Abstract: Adventure tourism has been standing out on the world market due to its growth in recent years. The variety of activities and the quality of the place for the practice of adventure sports makes this sport attractive to the most varied audiences. In this context, the general objective of the research is to analyze adventure tourism from the practice of free flight. For this, an exploratory quantitative research was carried out, in which two questionnaires were prepared, one for the company that manages the practice and the other applied face-to-face with pilots practicing free flight. The result of this research indicates that the practitioner of free flight also considered an adventure tourist has as main motivations to get out of the routine, feel adrenaline, visit places and be in contact with nature.

Keywords: Tourism. Adventure Tourism. Adventure Sports. Free fly. Patu (RN).

* Graduando em Administração. Universidade do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3082432812632424> E-mail: edigleusoncosta@gmail.com.

** Graduada em Turismo pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4698215373459783>. E-mail: joseorlandobrasil@hotmail.com.

*** Turismóloga. Universidade do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. Currículo lattes: E-mail: edigleusoncosta@gmail.com.

**** Mestrado em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco. Universidade do Rio Grande do Norte, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3373017269232749> e-mail: joseorlandobrasil@hotmail.com.

***** Turismólogo. Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7524292580636081> e-mail: edinal2050@hotmail.com.

1 Introdução

O turismo de aventura é uma atividade que está ligada diretamente com a natureza e que está em constante evolução e crescimento em todo o mundo, ganhando cada vez mais espaço para ser praticado. Contudo, compreende-se que essas atividades de aventura expõem determinados riscos- tanto pessoais como materiais-, podendo variar sua intensidade de acordo com a aventura escolhida.

No Brasil, pode-se destacar vários lugares que praticam a atividade de aventura e isto com diferentes tipos de esportes, sendo a prática de voo livre uma delas. Nessa prática de forma mais específica, o voo livre, encontra-se o município de Patu (RN), que fica localizado na região Oeste do estado e faz parte do polo serrano e tem se destacado não somente no cenário nacional, como também internacional onde recebe pilotos de vários lugares do mundo para a prática desse esporte, tendo em vista que é um local apropriado para isso.

Segundo o Ministério do Turismo (Mtur) - em pesquisa divulgada em 2011- mostra que a natureza, o ecoturismo e o turismo de aventura aparecem em segundo lugar com 26,9% de preferência do turista estrangeiro no Brasil. Os praticantes do turismo de aventura procuram estar em contato direto com as paisagens, a natureza, como também encontrar formas distintas para se aventurar.

Dessa maneira, as empresas que trabalham com o turismo relacionado à prática de esportes “radicais” devem manter medidas para diminuir as probabilidades e consequências dos riscos durante uma atividade de aventura, pois entende-se que a segurança é imprescindível para a prática de atividade turística.

Swarbrooke *et al.* (2003, p. 169) enfatiza que: “As organizações não podem eliminar o risco e precisam reconhecer que o risco em si é parte da motivação para a maioria dos turistas de aventura”. Porém, observa-se que onde há risco faz-se necessário haver segurança e isso implica o entendimento de que a segurança é um dos requisitos imprescindíveis para a realização da vivência turística de aventura, isto é, ao submeter-se a um risco controlável, esse consumidor espera não enfrentar perdas materiais, psicológicas ou físicas (COSTA, 2000).

De acordo com a Política Nacional do Turismo, Lei nº 11.771, art. 34, Decreto nº 7.381, de 02 de dezembro de 2010, as agências de turismo que comercializam serviços de turismo de aventura deverão dispor de Sistema de Gestão de Segurança (SGS), implementado

conforme as normas técnicas oficiais adotadas em âmbito nacional (BRASIL, 2010). Nesse sentido, a Norma da ABNT de 2005 de nº 15.331 afirma que:

[...] um sistema de gestão de segurança para as atividades de turismo de aventura que envolve diversos elementos, de maneira que uma organização possa estabelecer uma política de segurança e alcançar seus objetivos e metas, utilizando técnicas de gestão de risco e incorporando o processo de melhoria contínua das condições de segurança (BRASIL, 2005, p. 5).

E também de acordo com a ABNT 2006, o profissional que conduz clientes nas atividades de turismo de aventura, profissão regulamentada pela portaria nº 27, em 30 de janeiro de 2014 (BRASIL, 2014), deverá ser capaz de planejar rotas de emergências em caso de mau tempo, ter orientação necessária na navegação, gerenciar riscos e perigos, sempre zelando pela segurança de seus clientes.

Na visão de Mendonça (2005, p. 537), as experiências ecoturísticas possuem elevado potencial para a interiorização de princípios da educação ambiental, pois “[...] promovem o aprimoramento das relações dos indivíduos consigo mesmos e auxiliam a tornar conscientes as relações que as pessoas têm umas com as outras no meio natural”.

E assim como o ecoturismo, o turismo de aventura do tipo voo livre procura conciliar a prática do esporte com a preservação da natureza, sendo o praticante dessa atividade de aventura -o voo livre- um ator importante neste aspecto, evitando, assim, a degradação do meio ambiente sem causar problemas para as gerações futuras (PIRES, 2002).

Patu é uma cidade que está inserida no Polo Serrano e possui diversidade para trabalhar diversos tipos de turismo: o turismo religioso, o turismo cultural, o turismo de eventos e o turismo de aventura. Com potencialidade geográfica e um clima favorável, a cidade de Patu (RN) se destaca por estar localizada em uma região propícia para a prática do voo livre, o que pode vir a contribuir para o crescimento do turismo de aventura na cidade.

Sobre a justificativa do tema, a escolha foi a partir da necessidade de explorar mais o turismo local e ainda divulgar, evidenciando como o turismo de aventura vem sendo praticado no município de Patu (RN). Haja vista, a cidade poder vir a ser considerada a capital potiguar do voo livre e tal fato ainda é pouco divulgado por meio de objetos de estudos.

Diante do exposto, o trabalho traz como questionamento o seguinte: como o turismo de aventura, a partir da prática do voo livre se desenvolve no município de Patu (RN).

Este trabalho tem como objetivo geral, analisar o desenvolvimento do turismo de aventura, a partir da prática do voo livre no município de Patu (RN), e tendo como objetivos

específicos: 1. identificar o perfil do turista praticante da modalidade objeto deste estudo; 2. averiguar a estrutura e a prestação de serviços ofertados pela empresa para a prática do voo livre em Patu (RN) e 3. analisar a participação do poder público na divulgação do turismo de aventura no município de Patu (RN). Espera-se que esse trabalho possa ter uma contribuição significativa para outras discussões futuras sobre o turismo de aventura.

A seguir, apresenta-se o referencial teórico composto da temática de turismo e esporte de aventura no Brasil, cujos principais autores abordados foram: Alvares (2005), Costa (2000), Ramos (2003), Soares (2007), Swarbrooke *et al.* (2003) e Uvinha (2005). Posteriormente, apresentou-se a localidade de estudo, a metodologia da pesquisa e seus resultados compostos de análises e conclusão.

2 A prática do voo livre no Brasil

No Brasil, o esporte começou a evoluir a partir da década de 70, precisamente no Rio de Janeiro onde se caracterizou o primeiro voo de asa delta no país- e que fora realizado no ano de 1974 pelo francês Stephan Dunoyer de Segonzac.

Essa prática influenciou os pioneiros brasileiros a praticarem a atividade. Para tal fim, eles instituíram em 1976 a Associação Brasileira de Voo Livre (ABVL), entidade máxima do esporte com sua sede localizada na região de pouso em São Conrado. Sua função é incentivar, respaldar e conceder recursos para a prática da Asa Delta e do Parapente, além de ser responsável pela organização de campeonatos, nortear as federações regionais e simbolizar o voo livre brasileiro internacionalmente. O órgão almeja transformar o Brasil em uma referência para o esporte (BRASIL, 2014).

O voo livre consiste em voar por meio de asa não motorizada. Ele é formado por duas modalidades: a Asa Delta e o Parapente. Segundo Ramos (2003), como atividade de aventura na natureza, o voo livre está relacionado a incertezas, interface com o meio selvagem, tendência de risco e desafio, liberdade proporcionada pela aventura, e preparação rigorosa da segurança antes e no momento de suas ações práxis.

O aparecimento da asa delta ocorreu em função de pesquisas aeroespaciais nos anos 1970. Já o parapente (em francês) ou *paraglider* (em inglês) veio da adaptação de paraquedas utilizados por montanhistas para descer após longas escaladas. No Brasil, há 2000

praticantes de asa delta e 3000 de parapente registrados na ABVL, sendo o esporte um dos poucos em que homens e mulheres competem juntos (KOFF; RAAD FILHO, 2005).

A ABVL está ligada à Comissão de Aerodesporto Brasileira (CAB)- responsável por todos os esportes aéreos no país- e está sujeita às diretrizes determinadas pela Federação Aeronáutica Internacional (FAI) - a entidade máxima que comanda todos os esportes aéreos no mundo-. Em dezembro de 2014, a associação foi convertida em uma confederação, obedecendo as obrigações do Ministério do Esporte. Desse modo, a instituição será adequadamente responsável pelas federações estaduais, associações e clubes locais de voo livre.

Conforme a legislação brasileira, o voo de asa delta para finalidades turísticas não existe **em termos de regulamentação da lei**. Os voos praticados por duas pessoas são considerados “voos de instrução”, e o indivíduo que tem o interesse na ação precisa apresentar-se à associação para receber as primeiras orientações de voo e uma carteira de filiação válida por seis meses para a prática (a continuação do curso é viável, caso o praticante tenha esse interesse). Assim, a prática do turismo acontece como uma consequência e não como um fato original regulamentado para tal fim.

Não há muitas limitações à prática de voo livre, além daquelas previstas na legislação brasileira, como a idade mínima do praticante (a partir de 16 anos, com documentação dos responsáveis legais). O esporte também é acessível para pessoas com qualquer tipo de deficiência física, que não são impossibilitadas de participar. Pouco antes do início da ação, o piloto ajuda o aluno/visitante, já na rampa, orientando-o nas práticas necessárias para o pleno funcionamento da atividade.

A decolagem acontece a partir de uma pequena “corrida” pela rampa, como por exemplo, a da Pedra Bonita que tem o comprimento em torno 5 metros. Essa corrida é relevante para proporcionar, em companhia com o vento, o impulso que manterá a asa estabilizada. No decorrer da decolagem, diferentemente do que se possa pensar, os praticantes não “saltam” da rampa, seu percurso de passos acelerados já concede a força necessária para o voo (BRASIL, 2014).

Passado a decolagem, o voo livre tem duração de 8 a 20 minutos, conforme as condições climáticas. A prática pode ser realizada em dias nublados, no entanto, a atenção é redobrada, visto que a variação da velocidade do vento e a possibilidade de chuva podem atrapalhar.

3 Estudo de caso: Patu (RN)

Patu é um município no estado do Rio Grande do Norte (Brasil), localizado na região do Oeste Potiguar, com a distância de 323 km da capital do Estado, Natal e 374 km de Fortaleza (CE). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano 2017, sua população estava estimada em 12.776 habitantes. Possui área territorial de 319 km² e é um dos melhores lugares do mundo para a prática do voo livre de asa delta em particular a categoria Parapente (MOURA, 2013). O município tem como maior atração turística a Serra do Lima, sede do monumental Santuário do Lima ou de Nossa Senhora dos Impossíveis, um dos locais de maior religiosidade do Nordeste.

As temporadas de voos livres acontecem sempre entre os meses de outubro a dezembro. É nessa época do ano que os ventos estão mais propícios para a prática do voo. A rampa onde os pilotos realizam as aventuras está localizada em cima da Serra do Lima, distante 6 km de distância da sede do município e tem quase 700 metros de altura (MOURA, 2013). A Imagem 1 mostra a Serra do Lima onde acontece as práticas dos voos.

Imagem 1 – Serra do Lima



Fonte: Patu24horas blogspot imagens (2013)

Assim, pode-se observar, através do que foi apresentado, que o Brasil tem um grande potencial para a prática do turismo de aventura, e o município de Patu (RN) está inserido para a prática dessa categoria.

4 Metodologia

Os procedimentos metodológicos foram feitos mediante a leitura de livros, monografias, artigos científicos e através da *internet*, por meio de *sites* voltados para o turismo de aventura onde pode-se extrair dados secundários para o referido trabalho. Foi realizada uma pesquisa em campo no mês de novembro de 2018, para obter melhores informações sobre a prática do voo livre realizado no município de Patu (RN).

Portanto, vale ressaltar que a pesquisa foi de caráter quantitativo para atender os objetivos propostos pela pesquisa e por estar alinhada aos instrumentos de coleta de dados utilizados. Foram aplicados dois questionários estruturados, um ao gestor da empresa que administra a prática de voo livre na localidade- única empresa institucionalizada, daí a sua escolha- e o outro aos turistas praticantes de voo livre. A seleção aconteceu de forma aleatória.

O questionário trabalhado com o gestor da empresa foi o do tipo da análise organizacional, o que possibilitou informações técnicas da estrutura e da forma de trabalho da gerência na empresa. Já o questionário dos turistas praticantes foi desenvolvido para poder mensurar de acordo com os objetivos da pesquisa.

A caracterização do estudo é do tipo de pesquisa exploratória/descritiva onde foram aplicados os questionários em campo, ambos contendo perguntas objetivas. A coleta dos dados foi realizada com os dois tipos de respondentes, no mesmo período da temporada de maior frequência do esporte, para assim obter informações sobre a prática do voo livre que acontece no município de Patu (RN), no intuito de levantar dados e informações importantes no segmento turismo de aventura que acontece na localidade.

Para a composição da amostra dos turistas praticantes, foi aplicada uma amostragem não probabilística e obteve-se um quantitativo de 14 respondentes que participaram da temporada de voos livre no município de Patu (RN) na data prevista.

Em relação ao tratamento dos dados dos turistas praticantes, utilizaram-se as estatísticas descritivas do tipo percentual de frequência das respostas. A mensuração foi possível por meio de planilha *Excel* na qual se pode resultar em apresentação de dados na forma de gráficos e tabelas. Foram analisadas as condições estruturais da prática do voo livre, como também os pontos positivos e negativos e o perfil dos participantes. Já para a análise do

questionário do gestor, utilizou-se a técnica de análise originada do próprio roteiro de análise utilizado.

Moresi (2003, p. 30), orientado sobre a eficácia do uso do questionário afirma: “[...]constata-se que o questionário é uma sequência pautada de perguntas que necessitam ser respondidas por escrito pelo informante.” O questionário precisa ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de orientações. As orientações devem esclarecer o objetivo de sua aplicação, salientar a importância da contribuição do informante e facilitar o preenchimento.

Para obter mais informações a respeito da pesquisa, foi realizada uma visita ao local, no período de outubro a novembro de 2018 com o intuito de, através da observação, conhecer as características e especificidades do tema em questão.

5 Análise dos dados e discussão

5.1 A Empresa Brasil Turismo “X”

As informações a seguir são resultados de um questionário originado do roteiro técnico de análise organizacional e que foi aplicado no mês de novembro de 2018 com a proprietária da empresa de turismo de aventura que, entre suas diversas ações, promove um evento de temporada de voo livre, no município de Patu (RN).

A Brasil Turismo “X” é uma microempresa que atua no segmento do turismo de aventura no município de Patu (RN). Ela está no mercado há mais de 4 anos, e apesar de ser uma empresa de pequeno porte com várias dificuldades devido a esta condição, está institucionalizada para atuar na área e, assim, consegue desenvolver seu trabalho de atuação no segmento de turismo de aventura, buscando sempre e colhendo mais informações para seu aperfeiçoamento.

De acordo com a pesquisa, os produtos turísticos oferecidos pela empresa são: voos duplos, escaladas, trilhas, passeios ecológicos, guia turístico e rapel entre outros. A divulgação das práticas de aventura no município de Patu (RN) é feita através da *internet*, de meios de comunicação local e regional, também é feito boca a boca pelos próprios turistas e pilotos da região.

A empresa trabalha com termos de responsabilidade, em substituição aos seguros necessários, tanto para o turista quanto para o piloto que fazem a prática dos esportes. Em caso de emergência durante as atividades, o profissional piloto conhece os procedimentos e equipamentos necessários que deve utilizar para evitar que problemas maiores aconteçam. Os equipamentos utilizados pelos pilotos são: paraquedas, GPS, capacetes, sapatilhas adequadas, dentre outros.

5.2 Perfil dos turistas praticantes de voo livre

De acordo com a pesquisa, apresenta-se o perfil dos respondentes que participaram da amostra. Para a categoria de faixa etária dos turistas que praticam o voo livre no município de Patu (RN), foi observado que os sujeitos possuem idades compreendidas entre os 20 e os 70 anos. Assim, verificou-se que as faixas etárias de idade com maior representatividade foram: “20 a 30 anos” (25%), “31 a 40 anos” (25%) e “41 a 50 anos” (25%).

A categoria com menor representatividade para este item do perfil foi a terceira idade que compreende sujeitos de “66 a 70 anos” com (8,3%), geralmente tendem a serem raros os brasileiros que possuem idade acima dos 60 anos e que praticam atividades de aventura, sendo mais frequente nesta faixa etária a tendência de práticas de outras atividades menos perigosas como caminhadas, pilates, yoga, dentre outros. De modo geral, percebeu-se que a maioria dos participantes, 25% são pessoas acima de 20 anos. A Tabela 1 apresentada a seguir mostra o grau de escolaridade dos turistas que praticam o voo livre no turismo de aventura na cidade de Patu (RN).

Tabela 1 – Grau de escolaridade

Grau de Escolaridade	
Grau	Porcentagem
Superior Completo	58%
Ensino Médio	25,3%
Superior Incompleto	16,7%

Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Quanto ao grau de escolaridade dos turistas praticantes de voo livre no município de Patu, a Tabela 1 mostra que a maior representatividade é para os turistas praticantes de voo

com nível superior completo, 58%. Já a categoria para o ensino médio apresenta um percentual de 25,3%, seguido de ensino superior incompleto com 16,7%. Portanto, a maioria dos participantes, ou seja, os 58% que praticam voo livre são pessoas de nível superior, o que pode significar que são pessoas com uma profissão já definida e que conseqüentemente podem investir mais na atividade com equipamentos e viagens. Segue a Tabela 2 onde mostra a profissão dos turistas praticantes do voo livre em Patu (RN).

Tabela 2 – Profissão dos turistas

Profissão dos Turistas	
Área de Atuação	Porcentagem
Empresário	25%
Instrutor	16,5%
Físico	8%
Taxista	8%
Estudante	17%
CEO	8%
Advogado	8%
Policial	8%

Fonte: Dados de pesquisa (2018)

Com relação à profissão dos turistas praticantes do voo livre em Patu (RN), a Tabela 2 mostra que a maioria dos praticantes são empresários/comerciantes com 25%, depois segue estudante e instrutor com 17% e 16,5%, respectivamente, e em seguida as profissões de policial, taxista, advogado, físico e CEO, com 8,30% em cada uma destas profissões. Sendo assim, conclui-se que a maioria dos participantes são empresários. A prática de voo livre tende a possuir um custo significativo pelos equipamentos e viagens e a categoria de empresário possui mais condições para investir. A Tabela 3 mostra a nacionalidades dos turistas que praticam o turismo de aventura no município de Patu (RN).

Tabela 3 – País onde residem os turistas

País de Residência	
País	Porcentagem
Alemanha	67%
Brasil	17%
Espanha	8%
Suíça	8%

Fonte: Dados de pesquisa (2018)

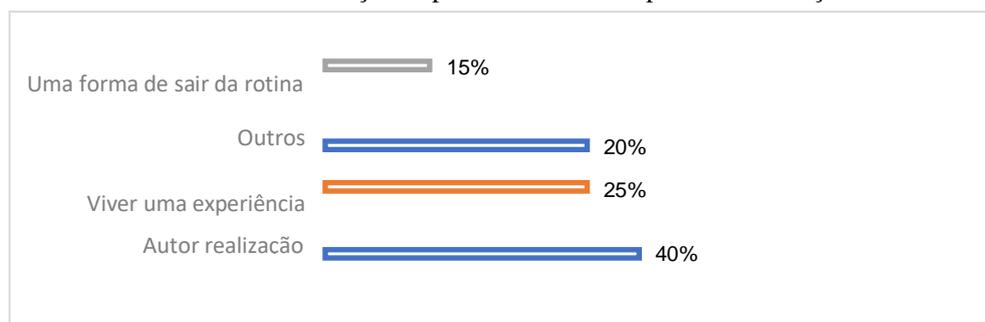
Quanto ao país onde residem os turistas praticantes do voo livre em Patu (RN), verifica-se que a maioria está concentrada no território Nacional (67%), seguido da Alemanha (17%), Espanha e Suíça (8%) cada.

O evento cujas atividades aconteceram em novembro é um encontro regional com pouca divulgação e restrita ao Estado. Cabe ressaltar que, apesar do evento “Temporada de Voo Livre” não apresentar uma divulgação intensificada em outros países, é comum os próprios praticantes compartilharem em suas redes sociais e, por conseguinte, divulgar o evento de maneira individual para amigos e familiares que se identificam como prática do voo livre, visto que esta é uma prática comum. O resultado mostrou que a maioria dos participantes é brasileira com 67% de participação. A categorização dos brasileiros por estado não teve foco de pesquisa neste trabalho.

5.3 Percepção da prática do voo livre como esporte

A pesquisa também buscou conhecer alguns pontos que tratam da percepção dos turistas praticantes de voo livre no que se refere à questão do conhecimento do turismo de aventura e do esporte.

Gráfico 1 – Definição da prática de voo livre por auto realização



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

O Gráfico 1 mostra que 40% dos turistas praticam o voo livre por auto realização. Essa se manifesta quando os praticantes dos esportes de aventura abandonam provisoriamente seus lares, o conforto e a praticidade da vida moderna, para estarem próximos da natureza, no intuito de reconhecer e expandir seus próprios limites em um ambiente até certo ponto hostil, se considerado o estilo de vida dos habitantes de grandes centros urbanos.

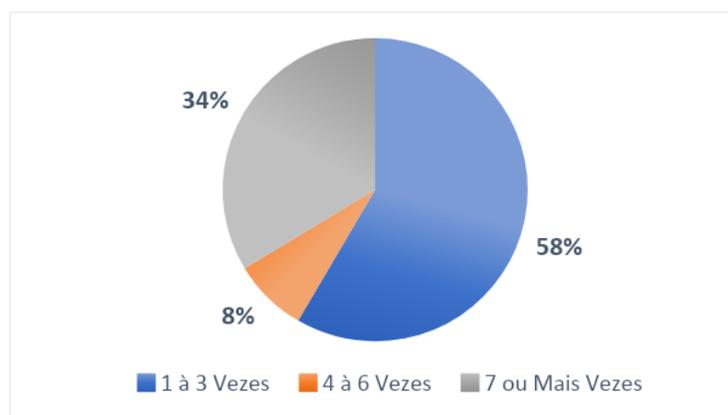
Em seguida, com 25% foi a categoria viver uma nova experiência. Essa perspectiva já é discutida por Simmel (1988) quando ele comenta que a vida de uma pessoa

aventureira é carregada de emoções, sempre em busca de uma nova aventura. O citado autor afirma ainda que o indivíduo aventureiro lida com o inseguro e com o incalculável da vida, da mesma forma como o não aventureiro se comporta diante do calculável. Tudo aquilo que pode despontar como absurdo para os não aventureiros, sob o foco do aventureiro pode ser apenas um desafio. A incerteza e o desconhecido instigam o aventureiro a se lançar no desafio, a viver o imediato (SIMMEL, 1998). Na sequência, 20% dos turistas praticam o esporte por outros motivos.

E ainda com 15% foi a categoria de “uma forma de sair da rotina”. As definições dos turistas sobre a prática do esporte de aventura dão-se de forma muito particular, posto que cada pessoa tem sua maneira de definir como se sente quando pratica a aventura.

Na visão de Costa (2000) esses desportos são vistos como uma aventura cheia de sentidos lúdicos que proporcionam lazer e entretenimento aos seus participantes, principalmente pela audácia fornecida pelos “riscos calculados” e do “poder ser capaz” de realizar. Através de técnicas precisas, o praticante torna-se autoconfiante preenchendo-se pelo prazer de realização ao ter conseguido fazê-lo por sua própria competência. Os resultados a seguir mostram com que frequência os turistas realizam atividade física de aventura na natureza.

Gráfico 2 – Frequência com que os turistas realizam atividades na natureza

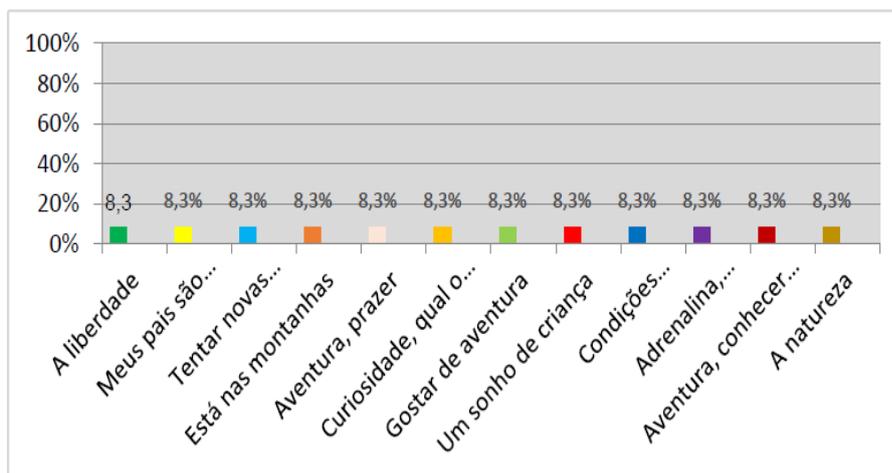


Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Devido à nacionalidade de alguns entrevistados não serem brasileira, a informação “outros” representa a resposta de alguns entrevistados de outra nacionalidade com 34% que informaram praticar esporte de aventura sete ou mais vezes. De um a três vezes, 58% e apenas 8% de quatro a seis vezes. Percebe-se que a maior parte possui uma frequência de participação de um a três vezes, o que acaba influenciando de forma direta no período de

estada. Em seguida, o Gráfico 3 mostra as razões ou motivos que levaram a praticar o voo livre.

Gráfico 3 – Razões que levam o turista a praticar o voo livre



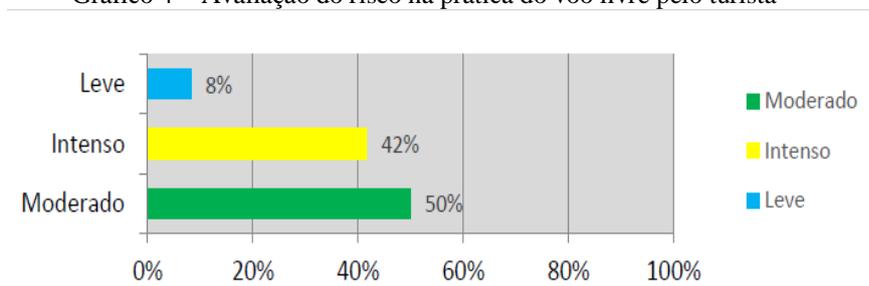
Fonte: Dados de pesquisa (2018)

Observando o Gráfico 3, a análise dos dados obtidos no questionário sobre as razões ou motivos que levam os turistas de aventura a praticar o voo livre mostra uma homogeneidade nos percentuais apresentados: a liberdade, a inspiração aos pais, conhecer outras modalidades esportivas, estar nas montanhas, a aventura e o prazer, a curiosidade, saber qual o sentido de voar, gostar de se aventurar, um sonho de criança, as condições propícias na região, a adrenalina, a liberdade de aproveitar, se aventurar e conhecer a natureza. Todos esses motivos são citados pelos turistas praticantes do voo livre estão com 8% cada.

Segundo Interdonato *et al.* (2008), entre os motivos que levam à permanência no esporte está a busca por divertimento, prazer e alegria. Já para Ruschmann (2000), uma das primeiras maneiras de entender as práticas de aventura é entender a reação ao estresse e às atividades decorrentes da expansão das cidades industriais na Europa do século XIX.

Essas atividades são entendidas como práticas esportivas privilegiadas nos momentos de lazer com características diferenciadas dos esportes tradicionais. A seguir, o Gráfico 4 mostra como os turistas avaliam os riscos da prática do voo livre.

Gráfico 4 – Avaliação do risco na prática do voo livre pelo turista

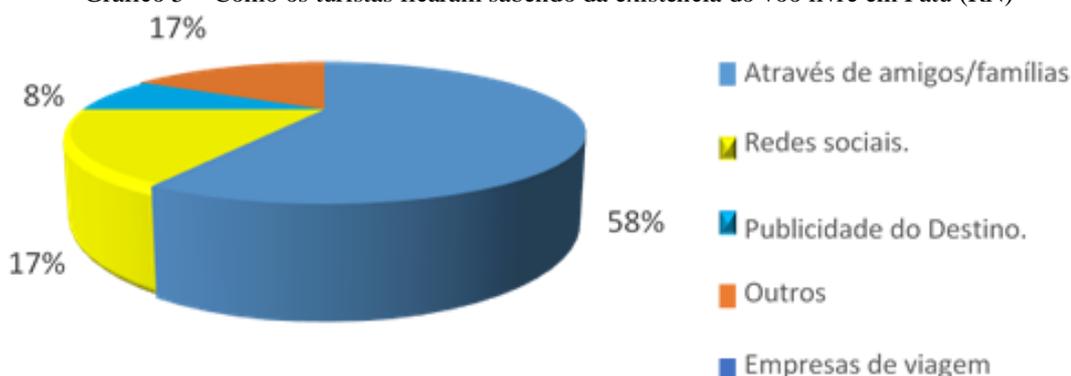


Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Em relação aos riscos existentes na prática do voo livre, 50% dos turistas disseram que o risco é moderado, 42 % intenso e por último 8 % responderam que o risco é leve.

Compartilhando da visão de Quinodoz (1995), pode-se afirmar que o risco, presente na prática do voo livre, possui uma relação direta com a busca do prazer na sociedade atual cuja origem vem de um tipo de vertigem manifestada por indivíduos que, através de determinadas práticas esportivas, se expõem a riscos, manifestando no seu próprio corpo sensações de angústia que são transformadas em prazer. Com isso os pilotos têm mais confiança para praticar os esportes, observando sempre os equipamentos, as condições do ambiente, as térmicas e ter autocontrole na situação. A seguir o Gráfico 5 mostra como os turistas ficaram sabendo da existência do voo livre em Patu (RN).

Gráfico 5 – Como os turistas ficaram sabendo da existência do voo livre em Patu (RN)



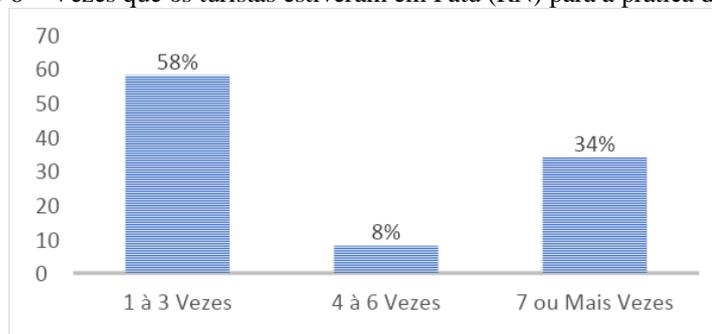
Fonte: Dados de pesquisa (2018)

O Gráfico 5 mostra como os turistas ficaram sabendo da existência do voo livre em Patu (RN), e o resultado foi que 58% ficaram sabendo através de familiares e amigos, 17% através das redes sociais, 8% publicidade do destino, 17% outros e nenhum em empresas de viagens. Os dados mostram que existem poucas informações através de publicidades e propagandas sobre o evento de voo livre no município de Patu (RN).

A propaganda pode estar ligada a diversas condições, como promoções ou eventos. De acordo com Morgan e Summers (2008), promoções constituem um modo de comunicação com os consumidores, sendo que eles conhecem os serviços ou produtos da marca antes de usufruí-los.

Através do que foi mostrado nos gráficos anteriores e comparando com o pensamento dos autores Morgan e Summers (2008), é possível perceber que, para se ter bons resultados em um evento, é preciso uma boa divulgação para atrair um número significativo de turistas participantes. Em seguida, o Gráfico 6 mostra a quantidade de vezes que os turistas estiveram em Patu (RN) para praticar o voo livre.

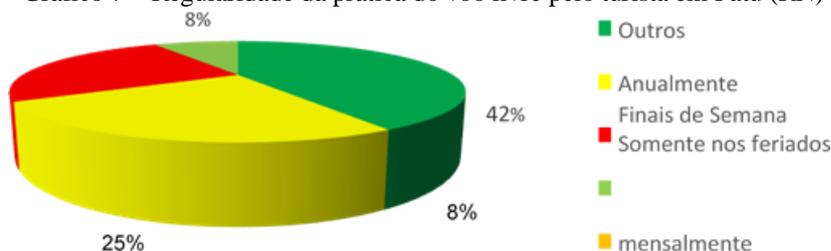
Gráfico 6 – Vezes que os turistas estiveram em Patu (RN) para a prática do esporte



Fonte: Dados de pesquisa (2018)

Sobre a quantidade de vezes que os turistas estiveram em Patu (RN) para praticar o voo livre, 58% dos turistas responderam que de uma à três vezes, 34% estiveram sete ou mais vezes e 8% responderam que estiveram de quatro à seis vezes. Os resultados mostram que 58% dos praticantes do voo livre em Patu (RN) já estiveram no município mais de três vezes para participar do evento. No Gráfico 7, percebe-se a regularidade com que os turistas de aventura praticam o voo livre em Patu (RN).

Gráfico 7 – Regularidade da prática do voo livre pelo turista em Patu (RN)

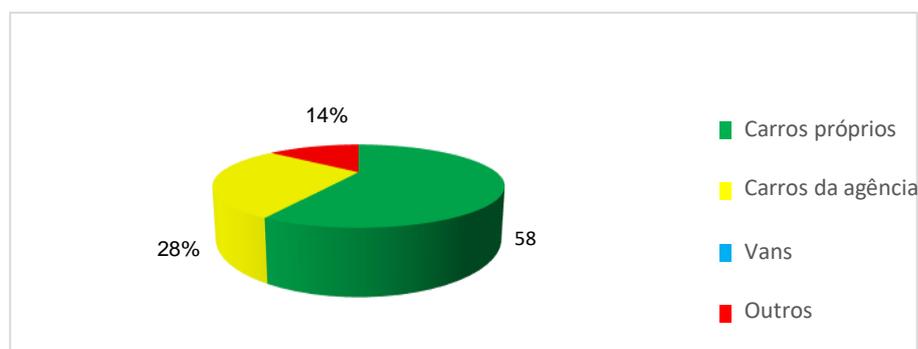


Fonte: Dados de pesquisa (2018)

A partir do que foi exposto no Gráfico 7, é possível identificar a frequência dos turistas no voo livre onde 25% dos entrevistados disseram que praticam, anualmente, o voo

livre em Patu, ninguém mensalmente, 25% nos finais de semana, 8% somente feriados e 42% outros. O próximo Gráfico 8 mostra qual o meio de transporte os turistas utilizam para chegar ao local do voo.

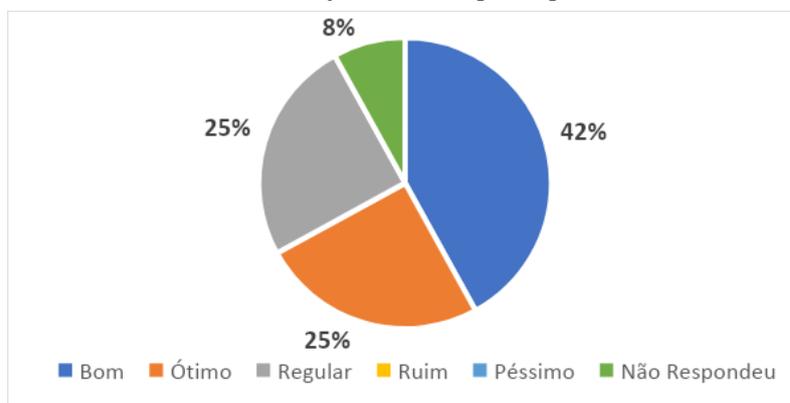
Gráfico 8 – Meio de transporte utilizado pelos turistas para chegar ao local do voo



Fonte: Dados de pesquisa (2018)

Na análise feita no Gráfico 8 constatou-se que 58% utilizam carro próprio, 28% carro da agência, nenhum utilizam *vans* e 14% utilizam outras formas de locomoção para o local do voo livre. Os resultados apontam que 58% dos praticantes da aventura utilizam o carro próprio o que os caracteriza com certo um nível significativo de poder aquisitivo. O Gráfico 9 mostra como os turistas qualificam o acesso à pista do voo livre em Patu (RN).

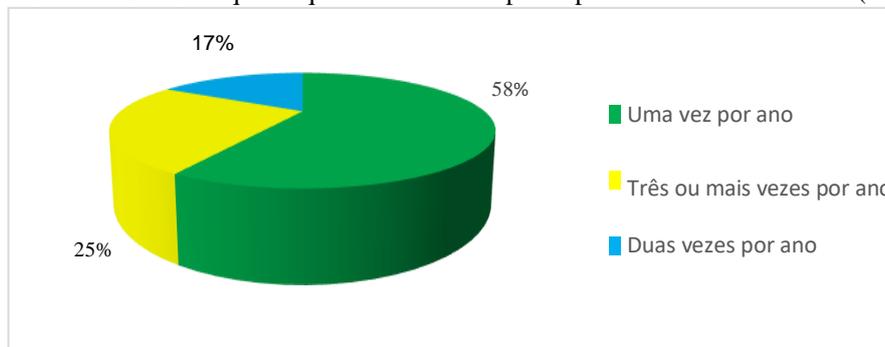
Gráfico 9 – Qualificação do acesso para a pista de voo livre



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

Sobre o acesso à pista de voo livre os turistas praticantes do turismo de aventura responderam o seguinte: 42% “bom”, 25% “ótimo”, 25% “regular”, nenhum “ruim”, nenhum “péssimo” e 8% não responderam. Portanto, os resultados mostram que 42% considera o acesso para a pista como “bom”. Assim, pode-se concluir que os gestores municipais têm trabalhado no desenvolvimento do esporte na localidade. O Gráfico 10 mostra a frequência em que os turistas participam do voo livre.

Gráfico 10 – Com que frequência os turistas participam do voo livre em Patu (RN)



Fonte: Dados da pesquisa (2018)

De acordo com o Gráfico 10, 58 % dos turistas participam do voo livre em Patu (RN) uma vez por ano, 17% participam duas vezes por ano e 25% participam três ou mais vezes por ano. Quanto à frequência dos turistas na prática do voo livre em Patu, a maioria - 58%- participa uma vez por ano.

6 Conclusão

As atividades e o turismo de aventura simbolizam um segmento de mercado de bastante sucesso. Eles são incorporados nas preferências referentes ao entretenimento e ao lazer na atualidade devido às características ambientais existentes no território brasileiro que favorecem o seu desenvolvimento, como também a busca por ambientes naturais (ÁLVARES, 2005).

As atividades desportivas de aventura são práticas livres de quaisquer circunstâncias institucionais, de cronômetros, de espaços codificados e restritos, de horários compulsórios e de normas exteriores. Práticas esportivas diferenciadas, em conformidade com as suas pretensões, motivações e habilidades vividas, na maioria das vezes, na companhia dos amigos, em que se favorece a aventura, a incerteza e o risco, em plena natureza. Estas atividades de esportes de aventura são ainda especificadas pelo motivo de serem praticadas em ambiente natural como: montanhas, rios, mar, ar, com a presença do componente “aventura” que lhes confere um elevado grau de imprevisibilidade.

Os esportes de aventura geralmente atraem a atenção de pessoas que pertencem a um determinado grupo de aventureiros, e que deslumbra uma apresentação do mito e da juventude, associando a técnicas imaginárias. Porém, suas características reais ainda são

praticamente desconhecidas, já que existe uma carência de reflexões a respeito dessa modalidade (UVINHA, 2005).

O turismo de aventura é um segmento turístico recente e tem demonstrado crescimento nos últimos anos. O consumidor deste segmento, por mais que esteja inserido em grupo social, possui preferências individualizadas, o que exige dos profissionais da área de turismo, o conhecimento e a análise sobre cada uma dessas preferências (SOARES, 2007).

A pesquisa procurou identificar as motivações e expectativas dos praticantes desta modalidade e o que os levaram a fazer parte desse mercado turístico. Com os resultados obtidos da pesquisa, de acordo com as experiências dos respondentes, foi possível descobrir as suas principais motivações e expectativas em praticar atividades de aventura.

Assim, foi investigado o perfil dos praticantes, e pode-se perceber que alguns começaram ainda na infância o uso da prática e que ainda permanecem nas atividades durante a sua fase adulta. A pesquisa também identificou que os participantes têm conhecimento escolar e outros, curso superior.

Com base na aplicação do questionário e na literatura, é possível concluir que, na maioria das vezes, as pessoas que praticam estes esportes querem desafiar, enfrentar seus medos e procurar novas aventuras, além de livrarem-se da rotina do dia a dia. Muitas dessas pessoas conseguem ter êxito ao vencer seus medos e aderir à prática de esporte de aventura como um esporte fixo.

O turismo de aventura na atualidade começa a ganhar espaço como um segmento particular devido a sua capacidade em atrair os vários grupos de pessoas e, tornando, assim, adeptos e fanáticos de suas modalidades. As razões para que este segmento tenha adquirido espaço no mercado turístico podem ser explicadas através dos fatores e motivos que levam as pessoas a serem praticantes do turismo de aventura.

Os praticantes de turismo de aventura que participaram deste estudo têm como principais motivações: sentir a adrenalina; estar junto à natureza; conhecer outros lugares; sair da rotina, dentre outros. Percebe-se que esta modalidade do turismo é capaz de gerar motivações únicas, de caráter renovador em seus praticantes, tais como: a adrenalina e a superação dos próprios limites. Além disso, como sugestão, por motivo das atividades de aventura poderem ser praticadas no meio natural, deveria existir uma preocupação em relação a preservação ambiental nas áreas onde são feitas a prática do turismo de aventura no município. E isso fará com que esse segmento cresça, haja vista que, a sociedades, nos

últimos anos, tem demonstrado preocupação com o meio ambiente e buscado o zelo e a conservação do meio ambiente.

Já em relação à empresa “X” pesquisada, percebeu-se que ela pratica a atividade, buscando seguir as normas existentes, no entanto, ainda necessita estabelecer maiores critérios e ações para tal fim.

O estudo mostrou que a prática do turismo de aventura tem como base realizar os esportes em contato direto com os elementos e potenciais naturais. Diante disso, os potenciais relacionados à atividade de turismo de aventura em Patu (RN) foram observados que existe um potencial significativo para a prática do esporte, tendo em vista o local dispõe de um potencial natural que torna possível a prática do voo livre.

A pesquisa foi de grande importância para o aprendizado sobre o crescimento da região pesquisada, de como é feito o trabalho para que se torne uma região desenvolvida no turismo de aventura. Assim sugere-se também a implantação de políticas públicas adotadas pelo município onde muitas ações ainda precisam ser revistas e implantadas, a partir de um novo estudo nas áreas turísticas do município.

Portanto, um estudo a ser desenvolvido com mais força, pois é de grande importância para o crescimento do turismo de aventura no município, já que é um segmento ainda novo e que está em fase de crescimento, sendo assim, os estudos contribuem para seu crescimento e, com isso, poderá atender a sua demanda, a partir da oferta que o município tem, já que esse dispõe de várias modalidades do turismo de aventura.

Referências

ÁLVARES, B. J. M. **Turismo de aventura**: aqui, ali, em qualquer lugar. 2005. Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo**: fundamentos e dimensões. São Paulo: Ática, 2002.

BRASIL. Ministério do Turismo. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 27, de 30 de janeiro de 2014**. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2014. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/legislacao/?p=117>. Acesso em: 20 maio 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Regulamentação, normalização e certificação em turismo de aventura**: relatório diagnóstico. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2005.



BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Segmentação. **Turismo de aventura: orientações básicas**. 3. ed. Brasília, DF: SNPT, 2010.

COSTA, Vera Lucia de Menezes. **Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário**. São Paulo: Manole, 2000.

DIAS, C. A. G.; MELO, V.; ALVES JÚNIOR, E. D. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, p. 65-95, 2007.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; McINTOSH, Robert W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

INTERNODATO, G.C.; MIARKA, B.; OLIVEIRA, A. R.; GORGATTI, M. G. Fatores motivacionais de atletas para a prática esportiva. **Motriz**, Rio Claro, v.14, n.1, p.63- 66, jan./mar. 2008.

KOFF, José; RAAD FILHO, Nader C. Voo livre. *In*: COSTA, Lamartine P. da. (Ed.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 479-480.

MENDONÇA, R. **A Experiência na natureza segundo Joseph Cornell**. *In*: SERRANO, C. (org.). A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, 2005, p. 135- 154.

MORESI, E. **Metodologia da pesquisa**. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Downloads/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2018.

MORGAN, M. J.; SUMMERS, J. **Marketing esportivo**. Tradução de Vertice Translate. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

MOURA, R, A. de. **Turismo de aventura: um estudo sobre a prática do voo livre no município de Patu/RN**. Natal, 2013. Disponível em: <http://monografias.ufrn.br/handle/123456789/4737>. Acesso em: 10 jun. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO (OMT). **Introdução ao turismo**. Tradução de Dolores Martins Rodriguez Córner. São Paulo: Roca, 2001.

PATU24HORAS BLOGSPOT IMAGENS. **Serra do Lima**. 2013. Disponível em: <http://patu24horas.blogspot.com/p/imagens-de-paturn.html>. Acesso em: 12 jun. 2018.

PIRES, Paulo dos Santos. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: Ed. SENAC-SP, 2002.

QUINODOZ, D. **A vertigem: entre a angústia e o prazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RAMOS, José Ricardo da Silva. **Esporte de aventura: um olhar praxiológico a partir dos praticantes de voo livre da cidade de Niterói**. *In*: PRAXIOLOGIA motriz no Brasil. Niterói: L. A. Erthal: Faculdades Integradas Maria Tereza, 2003. p. 71-82.



RUSCHMANN, D. V. M. O turismo rural e o desenvolvimento sustentável. *In*: RIELDL, M. *et al.* (org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2000, p. 75-84.

SIMMEL, G. **Sobre la aventura**: ensayos filosóficos. Barcelona: Edicions 62, 1988.

SOARES, Juliana S. R. **Turismo de Aventura**: potencialidade para o segmento na cidade de Niterói. Niterói: Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Turismo) – Universidade Federal Fluminense, 2007.

SWARBROOKE, J.; BEARD, C.; LECKIE, S.; POMFRET, G. **Turismo de aventura**. São Paulo: Aleph, 2003.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Turismo de aventura**: reflexões e tendências. São Paulo: Aleph, 2005.